

A CENA EM SOMBRAS DO TEATRO DE ANIMAÇÃO

Gilson Motta¹

Nos últimos anos, houve um crescimento significativo da presença de pessoas negras nos palcos brasileiros. Esse fato vem gerando publicações nos meios acadêmicos². Então, cabe-nos a pergunta: como a presença negra tem se mostrado no campo do teatro de animação? O propósito deste texto foi o de fazer um levantamento dos espetáculos de teatro de animação detentores de uma ou mais das seguintes características: a) a cultura negra como base dramática; b) a abordagem de personalidades e/ou personagens negras; c) realizados por pessoas negras.

A partir desses pressupostos, por intermédio da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, fiz um levantamento dos espetáculos tomando como base os jornais da cidade do Rio de Janeiro, como o Jornal do Brasil, O Correio da Manhã, A Noite, A Tribuna de Imprensa, Diário de Notícias³. Utilizei-me da combinação das seguintes palavras para a busca: “teatro de bonecos”, “bonecos”, “cultura negra”, “negro”, “negra”. Apresentarei o resultado dessa pesquisa acrescida das informações extraídas da memória dos organizado-

res dessa edição. O texto é dividido em três períodos: primeira metade do século XX, segunda metade do século XX e as duas primeiras décadas do século XXI.

Da primeira metade do século XX até a década de 1950

A primeira informação que correspondeu à pesquisa foi encontrada no Jornal do Brasil num período que antecedeu ao recorte temporal estabelecido: 17 de maio de 1899. Nesta edição, um anúncio convoca pessoas para trabalhar num teatro de bonecos: pessoas “que falem por três ou quatro vozes, inclusive as do preto roceiro, prefere-se que saiba tocar alguma coisa de violão”. No período em questão, os espetáculos feitos com bonecos — em lugares como o Jardim Zoológico da cidade e os jardins da cervejaria Guarda Velha — não são identificados por título, pelo nome da companhia e tampouco pela técnica empregada. Exceção feita a um texto que fala sobre a participação do Teatro João Minhoca na Festa de Assistência à Infância, em 31/12/1904.

A expressão “teatro de bonecos” só começa a aparecer com maior frequência na década de 1940 associado, sobretudo, à Sociedade Pestalozzi⁴. O mesmo ocorre com expressões referentes à cultura negra e às pessoas negras, seja por conta do crescimento dos movimentos sociais organizados, seja pela ideologia estadonovista e sua influência posterior. Por conseguinte, algumas iniciativas agregam o projeto artístico, o pedagógico e o social.

¹ Artista cênico e professor do Departamento de Artes Teatrais da Escola de Belas Artes (EBA) da UFRJ. Pesquisador nas áreas de estética teatral, teatro brasileiro, cenografia e teatro de formas animadas. Coordenador do Laboratório Objetos Performativos de Teatro de Animação da EBA-UFRJ. Membro do Coletivo Performers sem Fronteiras. E-mail: mottagilson@hotmail.com

É nesse contexto que aparece no jornal O Correio da Manhã a referência ao espetáculo *Negrinho do pastoreio*, ópera para coro e bonecos escrita por Eunice Catunda (1915-1990)⁵. Premiada em 1946, a ópera foi transmitida pela Rádio MEC, não tendo sido encenada na ocasião (CM, 01/11/1947). Seguindo essa tendência, encontramos neste mesmo jornal e no JB, na edição de 18/05/1950 a referência à instalação do Conselho Nacional das Mulheres Negras. Tratava-se de um Departamento Feminino do Teatro Experimental do Negro, organizado pela jornalista e ativista Maria Nascimento (1924-1994)⁶. O Conselho desenvolvia

uma atividade educacional e assistencialista e, dentre as atividades programadas para a comunidade negra, estava o curso de teatro de bonecos.

De 1950 até o ano 2000

Se na década de 1950 começamos a ver um processo de profissionalização e um aprofundamento do pensamento sobre a prática do teatro de bonecos a partir de festivais e congressos, na década de 1960 o trabalho de Ilo Krugli (1930-2019) e Pedro Dominguez (1936-2004) consolidam essa tendência. No que diz respeito ao tema em questão, essa companhia estreou no Teatro Toneleros⁷ um programa com três peças, no qual consta *A história do príncipe africano*, texto e direção de Pedro Dominguez (JB, 02/10/1968)⁸.

Muitos articulistas citam a produção teatral feita em outros estados da federação. No início da década de 1970, Henrique Oscar (1925-2003) faz referência ao teatro de bonecos do nordeste, mencionando o personagem Benedito. O foco é o lançamento do livro de Altimar Pimentel (1936-2008) *O Mundo Mágico de João Redondo*, que reúne, entre outras obras, o texto *Você já viu negro prestar?*, de Octacílio Pereira (DN, 31/10/1972). Nota-se também a estreia de *O saci Pererê*⁹, do Grupo Giramundo, apresentado no Festival de Teatro de Bonecos de Curitiba (DN, 20/02/1974).

Nas décadas de 1980 e 1990, houve um grande crescimento do teatro de animação, de forma que, se por um lado, surgem grupos dedicados especialmente a esta linguagem e prática artística, por outro lado, os bonecos se fazem presentes em vários espetáculos como uma espécie de modismo¹⁰.

No que se refere particularmente ao estado do Rio de Janeiro, notar-se-á o surgimento de grupos não somente na capital, como também no interior do estado, como é o caso do Grupo Sorriso Feliz, dirigido por Clarêncio Rodrigues e do Grupo Infanlocata, dirigido por Jorge Gonzaga. O primeiro estreou em 1990 o espetáculo *Minha favela querida*, que, com bonecos de fio e de manipulação direta, mostra o

Cartaz do espetáculo *História do Príncipe Africano e o talismã escondido com as aventuras do anjo de ouro que veio de Espanha* (1968). Teatro de Bonecos Ilo e Pedro. Direção Pedro Domingues Turon.



cotidiano de uma favela carioca às vésperas do carnaval. O espetáculo recebeu o prêmio *hors concours* no 1º Festival de Teatro Amador, promovido pela RioArte, em 1991 (JB, 06/02/1991). Além desse espetáculo, ao longo de sua trajetória, o Grupo Sorriso Feliz produziu outros espetáculos com a presença de personagens negras, como é o caso de *Quem canta e conta encanta* (1996) e *Era uma vez... o brincandeiro* (2013). Já o Grupo Infantocata estreou o espetáculo *Calabó y Bambu*, na Aldeia de Arcozelo, no Festival FETAERJ, em 1989. A dramaturgia foi elaborada com base em textos de Raul Bopp (1898-1984). Outro espetáculo do Grupo que se enquadra nos nossos parâme-

tros de busca é *As Aventuras de Nonato Cabeção e Gumercinda Farofa na Terra da Confusão*, que possui protagonistas negros e *ChuáChuá*, baseado em contos africanos. Ambos estrearam no ano de 2005.

De modo geral, o período compreendido entre 1980 e o final da década 1990 carece de espetáculos adequados aos nossos parâmetros de busca. Entretanto, gostaria de destacar um texto de Flora Sussekind denominado *Bonecos: uma linguagem teatral ainda não entendida*, no qual, ao comentar sobre o 9º Festival Nacional de Teatro de Bonecos, realizado em Lages (SC), a autora menciona uma atividade feita por artistas negros:

Minha Favela Querida (1990). Grupo Sorriso Feliz. Direção: Clarêncio Rodrigues. Foto: Flávio Pettinichi.



Importante também o espetáculo realizado por alguns artistas negros presentes ao festival junto ao Centro Cívico Cruz e Souza, que reúne a comunidade negra de Lages. As improvisações e o trabalho voltado para a cultura negra foram manifestações que, meio à margem do festival, talvez tenham sido algumas de suas principais realizações. E chamaram a atenção para a necessidade de se criar mais oportunidades de um trabalho coletivo, mais necessários do que debates muitas vezes repetidos e infrutíferos (...) (JB, 31/01/1980).

As duas primeiras décadas do século XXI

Esta última seção, compreende os espetáculos produzidos a partir de 2000. Nesta fase, no lugar dos periódicos, a internet passa a ser a principal fonte para o levantamento de dados. Por conseguinte, nosso recorte espacial se amplia, pois passamos a inserir aqui espetáculos feitos fora do estado do Rio de Janeiro.

No ano de 2001, foi realizado o espetáculo *Descaminhos*¹¹, do Grupo Contadores de Estórias.

Descaminhos (2001). Grupo Contadores de Estórias. Direção: Marcos Caetano Ribas. Foto: Alfredo Ribeirinha.



espetáculo era uma livre adaptação do livro de Marcos Caetano Ribas, diretor do espetáculo. (JB, 21/06/2001). Nesse mesmo ano, Zaven Paré apresenta espetáculo sobre o gravador e escultor Mestre Noza¹², no Teatro Sérgio Porto, no Rio de Janeiro, enquanto o Grupo Giramundo realiza *Os Orixás*¹³, último espetáculo dirigido por Álvaro Apocalypse (1937-2003). Os Orixás foi apresentado no 1º Fest-Rio de Teatro de Bonecos (JB, 25/01/2004).

Em 2002, a Cia. Lumbra monta *Sacy Pererê, a lenda da meia-noite*. Inspirado no primeiro livro editado por Monteiro Lobato (1882-1948), em 1918, o espetáculo estreou em outubro de 2002, no Teatro de Câmara Túlio Piva, Porto Alegre (RS)¹⁴,

apresentando-se no Rio de Janeiro na 1ª edição da MITA - Mostra Internacional de Teatro de Animação, organizado pela Cia. PeQuod (JB, 3/02/2010).

Em 2009, o Grupo Navegando estreou *O milagre do santinho desconfiado*, texto de Marília Gama Monteiro, com direção de Lúcia Coelho (1935-2014). O espetáculo de bonecos e sombras, contava a história da amizade de um menino negro escravizado com um menino branco, o futuro abolicionista Euzébio de Queirós (1812-1868), conforme Jornal do Brasil de 07/11/2009¹⁵. No ano de 2010, a companhia Muito Franca¹⁶, do Rio de Janeiro, criou *Igi, a árvore da vida*, baseado em histórias ancestrais e lendas africanas (JB, 10/07/2010)¹⁷.



Em 2014, *Um Conto de Nagô*, de Paulo Bahia, do Centro Cultural Jhamayka, foi apresentado no 6º Festival Afro-Brasileiro, em Maringá (PR). No ano seguinte, é feito o espetáculo *Uma realeza africana*, produzido pela Associação Varanda Cultural, de Porto Alegre (RS). As informações sobre esses dois espetáculos são bastante escassas.

A companhia de teatro de sombras Karagozkw¹⁸, de Curitiba (PR), realizou três espetáculos baseados na cultura africana e em textos de Rogério Andrade Barbosa¹⁹ *Buanga, a Noiva da Chuva*, apresentada em 2011, no Teatro FALEC; *Irmãos Zulus*²⁰, que estreou em 2014, no Teatro do Piá; *Duula, a mulher do deserto*, baseado no livro *Duula, a mulher canibal*²¹, que estreou em 2016 no Teatro Cleon Jacques, na capital paranaense. Todos os espetáculos foram dirigidos por Marcello Santos.

Jongo mamulengo foi criado em 2016, numa parceria entre o Coletivo Bonobando, o Jongo da Serrinha e o Cordão do Boitatá, com direção de Adriana Schneider. O espetáculo traça o diálogo entre o jongo, o samba e o mamulengo, três importantes patrimônios culturais populares brasileiros²².

No mesmo ano, o Laboratório Objetos Performativos de Teatro de Animação da Escola de Belas Artes da UFRJ, sob a coordenação do autor do presente texto, realizou o espetáculo *Ananse e o baú de histórias*, com o Coletivo Cênico Sombreiro Andante²³. O espetáculo foi apresentado na quarta edição do Festival Internacional de Sombras – FIS e no 11º Festival Internacional de Teatro de Animação (FITA).

O personagem Ananse também foi tema do espetáculo produzido pelo Coletivo Colérico, em 2017. Além do espetáculo *Ananse*, produzido com a técnica de manipulação direta, o projeto contemplava uma oficina sobre o boneco negro em cena²⁴.

Em 2019, o Grupo Mumbi, formado por atrizes negras e sediado na cidade de Santos (SP), realizou *Negras Foliás*, uma trilogia que conta a história de travessia e movimentos da população negra nesta

cidade, a partir da utilização da técnica do teatro lambe-lambe²⁵.

Conclusões e reflexões

A escassa presença de espetáculos de teatro de animação que atendesse aos nossos critérios de busca nos diz muito sobre o processo de exclusão social, sobre as formas de arte que são privilegiadas em detrimento de outras, sobre a presença da ideologia do embranquecimento e da negação da cultura afro-brasileira e, é claro, sobre o próprio racismo. A consulta aos periódicos nos revela um jogo entre visibilidade e invisibilidade, reconhecimento e apagamento, ficando explícito quem deve permanecer nas sombras e quem deve ocupar a luz. Contudo, a referida presença crescente de pessoas negras nos nossos palcos observados nos últimos decênios, assim como a utilização de outras mídias que conseguem criar alternativas para a visibilidade, driblando o poder e o racismo velado ou explícito produzido na grande mídia, parece anunciar o fim desse ciclo de exclusão e de apagamento, fazendo com que a cena negra do teatro de animação não seja uma “cena em sombras”, conforme o título do livro de Leda Maria Martins²⁶, parafraseado neste artigo. Cena de sombras, sim. Em sombras, nunca mais.

NOTAS

² Ver: Revista *Urdimento*, v. 1, n. 24, 2015. Dossiê Temático: Expressões da cena e do Teatro Negro. Florianópolis: UDESC, 2015. Ver também: Revista *Rascunhos*: Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, Uberlândia. v. 7, n. 1, 2020.

³ A fim de evitar a repetição dos nomes dos jornais, usarei as seguintes abreviaturas: Jornal do Brasil (JB), O Correio da Manhã (CM), A Noite (N), A Tribuna de Imprensa (TI), Diário de Notícias (DN).

⁴ A Sociedade Pestalozzi do Brasil foi fundada pela psicóloga e pedagoga russa Helena Antipoff (1892-1974) no Rio de Janeiro, tendo como finalidade o atendimento psicológico e pedagógico às crianças e adolescentes excepcionais.

⁵ Sobre Eunice Catunda, ver: <https://enciclopedia.itaucultural.org/pessoa635609/eunice-catunda>

⁶ Maria de Lurdes Vale Nascimento foi uma das fundadoras do do jornal “Quilombo: vida, problema e aspirações do negro”. Ver: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/>; ver também: XAVIER, Giovana. *Maria de Lurdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-abolição*, Niterói: EDUFF, 2020.

⁷ O Teatro Toneleros era o nome dado a um auditório do Colégio Sagrado Coração de Maria, situado na Rua Toneleros, em Copacabana, Rio de Janeiro.

⁸ Ver: <https://cbtij.org.br/1968-historia-principe-africano-e-o-talisma-escondido-com-aventuras-anjo-de-ouro-que-veio-d-espanha/>

⁹ <http://giramundo.org/espeticulo/1973-%E2%80%A2-saci-perere/>

¹⁰ Ver: SUSSEKIND, Flora. Cadê a mãe desse teatro infantil que não toma conta dele? In: *JB*, Caderno B, 9 fev. 1982.

¹¹ <http://www.grupocontadoresdehistorias.com.br/descaminhos>

¹² Ver: <https://vimeo.com/72626430>

¹³ <http://giramundo.org/espeticulo/2001-%E2%80%A2-os-orixas/>

¹⁴ <http://www.clubedasombra.com.br/sacy/historico.htm>

¹⁵ Ver: crítica feita por Ricardo Schopke, para o Jornal do Brasil: <https://cbtij.org.br/o-milagre-santinho-desconfiado-direcao-lucia-coelho/>

¹⁶ <https://ciamuitofranca.blogspot.com>

¹⁷ <https://cbtij.org.br/igi-arvore-da-vida-direcao-bruno-bacelar>

¹⁸ <https://www.facebook.com/companhiakaragozkwk>

¹⁹ <https://cwbmania.blogspot.com/2014/06/>

²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=hEPLar4rH6Q>

²¹ <https://www.youtube.com/watch?v=FXXxbk42Lq4>

²² Ver: SCHNEIDER, Adriana. Diálogos entre tradição e contemporaneidade no processo de criação de Jongo Mamulengo, In: *Urdimento*, Florianópolis, v. 2, n. 32, ano 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102322018035/8704>

²³ Ver: www.objetosperformaticos.com.br

²⁴ <http://coletivocolerico.com.br>

²⁵ <https://facebook.com/ciamumbi/community/>

²⁶ MARTINS, Leda Maria. *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.